

O estudante como consumidor

"O segredo da educação é respeitar o aluno"
Ralph Waldo Emerson

CELSO GIACOMETTI

A crise no nosso sistema educacional é unanimemente reconhecida por empresários, políticos, educadores e todos aqueles preocupados com o impacto do sucateamento do ensino sobre a vida econômica e social do País.

A principal vítima desta situação, sem nenhuma sombra de dúvida, é o próprio estudante. Mas o problema atinge proporções bem mais amplas e alarmantes. Além de contribuir para fortalecer a concentração de renda e, consequentemente, inibir o mercado interno, a baixa qualidade do ensino está na raiz de nosso atraso em relação aos países mais competitivos.

Em parte, esta deficiência reflete a falta de uma política voltada para o desenvolvimento do capital humano, a base do verdadeiro progresso de uma nação. Como agravante, também as escolas, de maneira geral, estão longe de poder equipar nossos estudantes com a capacitação necessária para enfrentar o mundo profissional. Como empresário de prestação de serviços profissionais, sempre me confronto com o desafio de recrutar e treinar jovens que possam se transformar em auditores e consultores empresariais bem-sucedidos, à luz da visão dos clientes a quem servimos.

Também na condição de treinadores, no âmbito profissional, estamos acostumados a



traduzir as necessidades do mercado de consultoria em sua aplicação prática na educação de nosso pessoal para corresponder a estas necessidades e, se possível, excedê-las. E esta tem sido justamente uma tarefa das mais críticas para nosso sucesso, pois a massa de estudantes que adentra o mercado de trabalho carece muitas vezes de preparo básico indispensável ao início da profissão que corresponde à sua formação acadêmica — talvez até para o início de qualquer profissão.

Malgrado o esforço heróico desenvolvido por professores e administradores escolares, e excluindo-se algumas poucas ilhas de exceção, nossas faculdade e universidades não conseguem despachar para o mercado profissional número suficiente de formandos em quantidade e, mais importante, em qualidade. E tudo o que uma empresa ambiciona é poder recrutar um recém-formado suficientemente capacitado com a formação básica mínima para o início da profissão que abraçou. Para que nosso país seja competitivo em uma economia cada vez mais globalizada, é necessário que nossos futuros trabalhadores estejam em condições de acompanhar o rápido avanço do sofisticado mundo tecnológico. Afinal, a qualidade da força de trabalho afeta diretamente nossa produtividade, tanto a nível de empresa como a nível de país.

Neste sentido, são necessárias mudanças dramáticas em todo o sistema. Não há mais tempo a perder. A possível volta da dedução de despesas com instrução, do contribuinte e de seus dependentes, nas declarações individuais do IR, é uma iniciativa imediata das



mais fundamentais na recente proposta de reforma tributária encaminhada pelo governo Collor ao Congresso, pois traz novo alento ao indicar que a educação está entre as preocupações e prioridades de nossas autoridades.

Já os investimentos efetuados pelas empresas no esforço de recrutamento (baixo percentual recrutado em relação à massa total de candidatos) e em treinamento profissionalizante bem que poderiam ser mais bem direcionados para ampliar a integração entre empresa e escola. Este é apenas um aspecto entre tantos outros que estão a merecer a atenção, não só do governo,

mas de toda a sociedade, na busca de um novo modelo educacional. Apenas para citar alguns aspectos adicionais:

Qualidade — As entidades de ensino devem buscar a qualidade da mesma forma que muitas empresas bem-sucedidas já o fizeram, implantando rígidos sistemas de controle nas diversas fases de estudo.

O estudante é o cliente — Cada estudante precisa ser tratado como um cliente e não como um produto.

Educação eletrônica — Estudantes devem evoluir em sintonia com modernas técnicas de comunicação e aprendizado. Isso aumenta o interesse do aluno e sua colaboração na experiência de aprender.

Reducir tempo não produtivo — Não há dúvida de que nosso atual sistema leva a desperdícios de tempo, em transporte, entre uma aula e outra, classes com poucos estudantes, etc.

Transformar professores em gerentes — Talvez seja muito futurista, porém creio que, da mesma forma que os trabalhadores se têm envolvido mais no processo decisório nas empresas, os professores deveriam deixar de ser portadores de ensino pré-programado, para se tornarem mais gerentes do processo de aprendizagem e do ambiente de ensino.

Esta pode ser uma idéia muito empresarial sobre nosso sistema de ensino. Tenho certeza, no entanto, que a irradiação desses conceitos no longo prazo tornaria nosso principal capital, o capital humano, mais bem equipado para a construção de um país moderno e cada vez mais competitivo no mercado global.

■ Celso Giacometti é presidente da Arthur Andersen.